



Após decisão judicial contra a PBH, grupo de 5 a 11 anos retorna às salas na rede privada. Hoje é a vez da municipal. Médico receita cautela

Crianças voltam à escola com vacinação longe da meta



Alunos na saída do Colégio Santo Antônio, na Região Centro-Sul de BH: especialista defende que as próprias escolas atuem no incentivo à vacinação para reduzir riscos



Fernanda e a filha Lara, que recebeu a primeira dose de imunizante contra a COVID-19 ontem, de olho na volta às aulas

ELIAN GUIMARÃES E MATHEUS MURATORI

Depois de adiamento, crianças de 5 a 11 anos de idade puderam retornar as atividades presenciais em instituições de ensino privadas ontem em Belo Horizonte e dar início ao ano letivo de 2022, e os alunos da rede municipal da capital voltam hoje às salas de aulas. O calendário escolar previa, inicialmente, o retorno em 28 de fevereiro, mas um decreto da prefeitura, publicado em 23 de janeiro, alterou a data, passando-a para o dia 14. A ideia era garantir tempo suficiente para que essa faixa etária recebesse a primeira dose de vacina contra a COVID-19, mas decisão judicial anulou o ato da prefeitura. O retorno, contudo, ainda demanda cuidado. Apesar de todas as crianças desse grupo, com ou sem comorbidades, já terem sido convocadas pela PBH para tomar o imunizante — hoje é a vez dos mais novos, de 5 anos —, a adesão à campanha ainda é baixa.

Considerando o último dado divulgado pela administração municipal, de sábado, apenas

51% das crianças chamadas até então, numa lista que incluía meninos e meninas com comorbidades de 5 a 11 e sem comorbidades a partir dos 8 anos, somente 51% haviam recebido a vacina. Nesta semana, foram convocadas crianças de 7, na segunda, de 6, ontem, e a vacina continuou a ser oferecida em repescagem. Ontem, houve fila em alguns postos. Diante do quadro de baixa cobertura, Adelfino de Melo Freire Júnior, infectologista e diretor médico da Target Medicina de Precisão, defende que as próprias escolas atuem no incentivo à vacinação na volta às aulas. "Acho que a escola tem o papel de educação não só do aluno, mas também da sociedade. Ações capitaneadas pelas escolas seriam ótimas para a gente poder otimizar cada vez mais as pessoas, mostrar que as escolas prezam pela segurança e que são responsáveis".

Ele aconselha que mães, pais ou responsáveis levem seus filhos para se vacinarem e tomem alguns cuidados básicos neste momento de retorno às atividades presenciais. O primeiro deles é que as crianças sejam observa-

"NÃO DÁ PRA FORÇAR", DIZ QUEIROGA

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, voltou a falar sobre a não obrigatoriedade da vacinação infantil contra a COVID-19 ontem. Em conversa com jornalistas, ele disse que imunizar crianças é diferente de imunizar adultos e que "não dá para forçar a vacinação" nos pequenos. "Eu mesmo tive a oportunidade de vacinar crianças em Brasília. As vezes, você tem que convencer a criança a se vacinar. Ninguém vai pegar uma criança à força. Ir lá aplicar uma vacina com a criança berrando, não dá", disse o ministro. Quase dois meses após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ter aprovado a primeira vacina de uso infantil contra o coronavírus, o percentual de crianças de 5 a 11 anos que tomaram a primeira dose de imunizantes contra a doença não passa de 15%. Ontem, o ministro havia dito que o governo federal vem se empenhando não só para garantir que os vacinas cheguem a estados e municípios, mas também para tranquilizar os pais a respeito da eficácia e da segurança dos medicamentos.

das com atenção para que se detectem possíveis sintomas da doença. "Um papel dos responsáveis é estar atento aos sintomas dos filhos, vacinados ou não. Se apresentarem algum sintoma, principalmente gripal, não devem ir à escola. Se todos tiverem esse compromisso, a escola fica mais segura para todo mundo", aconselha. "Se a criança estiver doente, deve ficar em casa, fazer o teste. Isso é importante quando

se fala em escola infantil, pois é comum, até antes da pandemia, crianças com quadro gripal irem para as escolas e elevar o risco de transmissão", afirma.

Outro ponto diz respeito aos cuidados das crianças nas escolas. O médico ressalta que o que se "mantra" rotineiro a respeito da COVID-19 deve ser seguido nas instituições, mas com um adendo especial por se tratar de crianças. "É importante avisos

sobre uso de máscaras, higienização e certo respeito, não tocar a máscara do coleguinha, por exemplo, realizar essas ações que viraram parte do nosso cotidiano. Claro, as crianças devem estar vacinadas, e as que ainda não estão no grupo (elegível para a imunização) a gente espera que tenham condição de se vacinar. Para quem está abaixo de 5 anos o risco é menor, mas o ponto é: quem está vacinado acaba protegendo quem não está, isso é importante. Quanto menos chances o vírus tiver de circular em um grupo, mais a gente consegue controlar (as contaminações)".

Entretanto, o infectologista viu o adiamento da volta às aulas presenciais das crianças como uma decisão equivocada. Ele considera a escola como local seguro e acredita que as crianças tendem a respeitar as normas.

DIA DE FILA Enquanto as aulas voltavam na escola particular, a campanha de vacinação das crianças de 5 a 11 anos prosseguia ontem com fila na estrutura montada na Secretaria Municipal de Educação. A advogada Isa-

belle Fagundes, de 34, se sente segura quanto à volta do filho, Eduardo Fagundes, de 6, à sala de aula. E agora vacinado. "Foi um momento muito esperado".

O produtor musical Victor Mazarelo, acompanhado da esposa Fernanda Costa, participou da vacinação da filha, Lara. "É o momento mais feliz, mais do que quando a gente se vacinou. De certa forma, é um avanço da liberdade, porque nossa filha poderá voltar a brincar com mais segurança e retornar para a escola. Por segurança, vamos esperar até semana que vem", disse.

Rafael Tardin, de 40, profissional que trabalha com dor orofacial (cabeça e pescoço), levou os filhos Luca, de 6, e Lara, de 7, acompanhados da sobrinha Luiza, também de 6, que estava com a mãe, Raquel Ude. "Esta é mais uma possibilidade de tentar voltar à nossa vida como tínhamos antes. É um voto de confiança na ciência. Basta confiar nas publicações e estudos científicos." Ele considera que a volta às aulas foi influenciada por questões políticas. "Acho que já deveriam ter voltado. Com as devidas proteções e restrições."

Protocolos para aumentar a segurança

ROGER DIAS

Para os pequenos alunos, a volta à escola depois de muito tempo é como se fosse a primeira vez. Crianças de 5 a 11 anos da rede particular de Belo Horizonte iniciaram ontem o ano letivo em clima de confiança nas medidas de segurança adotadas pelas diversas instituições de ensino. Respalçados por liminar emitida pela Justiça de Minas a pedido do Ministério Público, os colégios esperam agora seguir o calendário escolar de forma contínua, sem novos fechamentos em virtude da pandemia do coronavírus.

A prefeitura de Belo Horizonte (PBH) havia feito uma última tentativa de pedir o adiamento das aulas até a semana que vem ao apresentar recurso contra a liminar do Ministério Público, mas a desembargadora Maria Inês Souza indeferiu o pedido e confirmou a volta às aulas. Para justificar a decisão, a magistrada afirmou que o índice de óbitos em crianças é "extremamente baixo", o que não justificaria o fechamento das escolas. Anteriormente, a PBH havia emitido decreto para adiar as aulas para permitir que as crianças do público-adolescente pudessem retornar à escola já vacinadas contra a COVID-19.

Mesmo sem receber a dose, a pequena Luisa, de 7 anos, se animou com o primeiro dia de aula no Colégio Santo Antônio, na Savassi. A mãe dela, Danielle Nogueira de Sá, conta que o retorno à instituição é praticamente um recomeço. "Foi uma surpresa muito grande quando falei para ela: 'Vamos arrumar as coisas que amanhã vai ter aula'. Ela ficou muito feliz, porque o lugar da criança é na escola. Depois de seis meses com aula em casa, voltar à escola é algo positivo".

Apesar de muitos pais não tenham aprovado a intenção da PBH de adiar as aulas, Danielle elogiou a ação do município: "Sei

que a maioria das pessoas não gostou, o Bernardo deu uma travada, principalmente na questão de socialização".

COMPROMISSO Os colégios particulares da capital assumiram o compromisso de atuar com diversas medidas de segurança, como formação de filas com espaçamento, distribuição de máscaras e álcool em gel e limpeza do ambiente de trabalho e de lazer. "As escolas privadas estão muito bem preparadas nessa questão de protocolos. Isso foi observado desde o ano passado, já que o número de alunos contaminados foi muito pequeno. Ou seja, o

ambiente escolar é muito seguro", afirma Fernando Barros, diretor do Colégio Sagrado Coração de Maria, no Bairro Serra.

Segundo ele, é muito importante que pais e responsáveis comuniquem às escolas quando as crianças apresentarem sintomas de COVID-19. "É importante reforçarmos o tempo todo esse cuidado com as equipes, com os professores e também contar sempre com a parceria da família para informar à escola se alguma criança sente algum sintoma, seja ele febre, mal-estar, vômito ou diarreia. Essa parceria entre família e escola contribui muito", acrescenta.

